

V CBEO - Curitiba



V CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS
Curitiba-PR - Brasil

RELAÇÃO COM A GERÊNCIA: O CONTROLE DO TEMPO DE TRABALHO E SUAS IMPLICAÇÕES NO TEMPO LIVRE NO SETOR DE HOSPEDAGEM

Iraneide Pereira da Silva (IFPE) - iraneidepsilva@hotmail.com

Doutora em Administração. Mestre em Administração. Graduada em Turismo e Administração. Professora EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco - IFPE (Campus Recife)

Diego Costa Mendes (PROPAD/UFPE) - diegocostape@gmail.com

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Administração (PROPAD) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Mestrado (2015) e Graduação (2011) em Administração pela mesma instituição. Professor e pesquisador na área de gestão.

Rodrigo José de Albuquerque Marinho Ataíde dos Santos (IFPE) - rodrigoataide@recife.ifpe.edu.br

Especialista em Lazer. Graduado em Turismo. Professor EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco IFPE (Campus Recife).

1. Introdução

Ao examinar os significados da relação entre os homens e o tempo na sociedade ocidental, especificamente no período da Revolução Industrial (século XVIII), Thompson (1998) percebeu que tal relação passou de certo descaso com o tempo para uma maior orientação para as tarefas, implicando numa menor separação entre o trabalho e o tempo. Essa preocupação com o uso, pautado agora numa lógica racionalista e mercantilista, constituiu as bases para uma nova relação com o tempo, notadamente com o aparecimento do capitalismo industrial e financeiro. Consolida-se, assim, uma nova temporalidade, uma vez que há um maior controle sobre o tempo voltado para o trabalho — tempo este assume centralidade nesse contexto.

Como lembra Alvarez (2002), a sociedade moderna baseia-se no processo racional e instrumental que pauta as relações do homem com a natureza e com os outros homens, produzindo uma nova mentalidade que valoriza o tempo de trabalho em detrimento a outros tempos sociais, como por exemplo, o tempo livre.

Enquanto campo do conhecimento, cabe ressaltar que é preciso refletir sobre as configurações da racionalidade — notadamente econômica — na administração, na teoria organizacional e nos estudos organizacionais, buscando contribuir para o pensar sobre novos caminhos e discutir alternativas para o entendimento da racionalidade que conduz a ação do homem na sociedade e no mundo (RAMOS, 1989; OLIVEIRA, 1996).

Postone (2014) discute em sua obra o papel do trabalho como fundamento social central na sociedade capitalista, evidenciando que além de historicamente determinada possui por base a contradição entre as dimensões trabalho e tempo. Para o autor, “uma característica do capitalismo é a constituição social de duas formas de tempo — o abstrato e o histórico — que estão intrinsecamente relacionadas” (POSTONE, 2014, p. 339), ambos objetos da análise social e dos aspectos ligados à valoração do trabalho e da produtividade no capitalismo.

Ao refletir sobre os aspectos opressores do imperativo do tempo no capital, Mészáros (2007) reforça que é preciso levar em conta as consequências da construção sociometabólica do capital nos indivíduos e na temporalidade da humanidade. Para o autor, “o modo historicamente único de reprodução sociometabólica do capital degrada o tempo” e a contínua autoexpansão do capital é “alcançada na sociedade de troca apenas por meio da exploração do tempo de trabalho” (MÉSZÁROS, 2007, p. 33), implicando uma forma diferenciada de relação com o tempo. Para esse autor, o sociometabolismo do capital baseia-se numa estrutura totalizante de organização,

controle e inter-relação entre seus elementos constitutivos: capital, trabalho (assalariado) e Estado. Nessa inter-relação, há uma sujeição do trabalho ao comando do capital, aspecto central da dinâmica do processo de produção e reprodução social, baseada na alienação e controle dos produtores (RIBEIRO, 2013).

Cabe destacar ainda que a relação com o tempo implica em experiências, valor, sentidos e uso dos tempos sociais. Nesse sentido, o entendimento dessa categoria necessita da compreensão dos aspectos históricos e sociais que a constituiu, considerando os aspectos relacionais entre os tempos sociais, os sujeitos e suas experiências.

Desta forma, o presente estudo busca compreender como se dá o controle do tempo de trabalho por meio da ação gerencial e sua implicação sobre o tempo livre dos trabalhadores de serviços de hospedagem. Para tanto, realizou-se uma pesquisa qualitativa, pautada na proposta marxista da linguagem baseada em Bakhtin (2006), tendo como técnica de constituição do *corpus* de pesquisa a observação virtual não participante de inspiração netnográfica. Para sua realização foi estudada uma *fanpage* do *Facebook*¹ intitulada “Escravos da Hotelaria – Aqui o escravo tem voz” (ESCRAVOS, 2016) — considerada aqui como uma comunidade de fala. A análise deste *corpus* baseou-se nos pressupostos bakhtinianos para análise do discurso, no sentido de contribuir para a reflexão sobre o papel da gerência no controle do tempo dos trabalhadores no setor de hospedagem.

2. Controle sobre o tempo de trabalho

O homem é construtor do tempo e, nessa perspectiva, regula a vida cotidiana, constitui a identidade, baseia a subjetividade e incorpora as atividades e as pressões (ELIAS, 1998). Ele tem na figura do relógio o símbolo onipresente de referência de temporalidade na sociedade industrial. Nesta sociedade um novo modelo de tempo surge baseado na coerção, identificado

1 O *Facebook* é um *website* gratuito e serviço de rede social criado pelos americanos Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz e Chris Hughes e pelo brasileiro Eduardo Severin em fevereiro de 2004. Inicialmente denominado “The Facebook”, foi constituído na Universidade de Havard como forma de criar uma rede entre seus estudantes, promovendo o relacionamento social, facilitando a comunicação entre amigos, família e colegas de trabalho destes acadêmicos. Em seguida, a rede foi ampliada para a Universidade de Boston, a Ivy League e a Universidade de Stanford, depois a rede avançou para outras universidades e escolas americanas, ultrapassando as fronteiras dos Estados Unidos, tornando-se acessível a qualquer indivíduo já com mais de 13 anos de organização, além de organizações públicas e privadas (TEIXEIRA, 2012).

pela cronometrização de horários, pelo cumprimento de calendário e prazos, na velocidade dos relógios, mas vivenciada sem reflexão.

É importante ressaltar que sem perder seu papel central na racionalidade econômica, na ação e na sociabilidade humana, ao longo do tempo, o trabalho metamorfoseou-se como mercadoria inserida no sistema capitalista de acumulação de riqueza (ANTUNES, 2003). Destaca-se ainda que uma análise sobre o tempo faz evidenciar a relação do tempo social dedicado ao trabalho. A flexibilização, a exploração, a intensificação e a precarização do trabalho trazem implicações sobre o controle e sua organização. Este tempo passa a ser sincronizado pelas horas necessárias para a produção, fazendo com que a cronometrização do tempo de trabalho passe a ser o pivô em torno do qual os demais tempos sociais se estruturam (HASSARD, 2009; CARDOSO, 2009).

A questão do tempo de certa forma está ligada à separação entre o tempo de trabalho e os demais tempos sociais, principalmente a partir do processo de industrialização iniciado no século XVIII, modificando a relação do homem com o tempo natural. Neste último, havia um maior respeito ao tempo da natureza no processo de produção, pois o trabalho iniciava ao amanhecer e terminava ao anoitecer (BENDASSOLLI, 2007). Havia também uma definição mais autônoma das pausas para descanso aos domingos, feriados, períodos chuvosos (pausa esta forçada pela natureza), além do período de entressafra, que permitia um descanso para reposição de energia devido à jornada de trabalho exaustiva no período de safra (CAMARGO, 2003).

Conforme menciona Dal Rosso (2008, p.46), “para aumentar a produção de valor, o capitalista aumenta o número de horas de trabalho, elevando o seu limite superior ao máximo suportável”. Camargo (2003, p. 38) complementa a esta ideia recordando que “o tempo de lazer não estava na lógica de racionalização do tempo, instituída pelo capitalismo industrial do século XVIII na Europa, do século XIX nos EUA ou no início do século XX no Brasil”. Esse tempo precisou ser criado, conquistado e mantido pelas lutas dos trabalhadores ao longo da história (LAFARGUE, 2003; DAL ROSSO, 2008; CARDOSO, 2009).

3. Tempo e trabalho: o contexto do turismo

Historicamente, a atividade turística como atividade econômica propriamente dita e, conseqüentemente, todos os serviços a ela ligados desenvolveram-se principalmente a partir de

meados do século XIX², como fruto do contexto que oportunizou mudanças econômicas e sociais, além do surgimento de novas tecnologias que fomentaram o progresso dos meios de transportes e dos meios de comunicação (REJOWSKI, 2002).

Pode-se dizer, então, que essa atividade surge como fenômeno econômico no contexto das transformações ocasionadas pela Revolução Industrial, iniciadas no século XVIII, e sofre a influência da racionalidade e do modo de produção e acumulação de riqueza subjacente a este momento histórico, quais sejam a racionalidade econômica e o capitalismo.

Neste mesmo contexto, as atividades de hospitalidade também adentram o cenário social e ganham novos contornos. Os aspectos privados da hospitalidade relacionados ao “bem receber”, à reciprocidade (bem-estar) e à ligação entre anfitrião e hóspede — sem perder este caráter relacional — passam a ter no contexto capitalista uma conotação comercial em que, considerando seu elemento econômico, tornam-se também um conjunto de serviços a ser oferecido na sociedade industrializada (LASHLEY, MORRISON, 2004).

Desde a consolidação da sociedade capitalista, a atividade turística vem apresentando um crescimento significativo nos últimos anos tanto no Brasil como no mundo. Esse crescimento se mostra não só por meio do fluxo de pessoas que se deslocam, mas também por meio do número de pessoas ocupadas neste setor econômico.

Segundo ressalta Rejowski et al. (2002), o desenvolvimento do turismo moderno e organizado se dá a partir de meados do século XIX e consolida-se no início do século XX, circunscrito pelos aspectos que envolvem seu fomento como a migração de trabalhadores das áreas rurais para as áreas urbanas, a tecnologia da máquina a vapor aplicada tanto nas fábricas como em navios e trens — fato que impulsionou a realização de viagens de longa distância —, o surgimento da classe média e seus hábitos de viagens, além da luta dos trabalhadores pela diminuição da jornada de trabalho e conseqüente aumento do tempo livre. Ressalta-se que o período descrito pelos autores demarca também o contexto histórico do estabelecimento da Revolução Industrial e das modificações produtivas, econômicas e sociais desse momento histórico.

Ademais, ao discutir a construção da relação com o tempo e a maneira como os homens passaram a vivenciar suas atividades, Bacal (2003) enfatiza que ocorre a valorização do tempo

2 Para um aprofundamento dos aspectos históricos do turismo, indica-se a leitura de Barreto (1995); Rejowski (2002); Masina (2002); Ignarra (2003).

livre e das práticas de lazer, dentre elas as atividades turísticas. Complementando, Ouriques (2005, p. 27) enfatiza que “ao mesmo tempo em que o lazer turístico surgiu como uma conquista da classe trabalhadora constituiu-se e significa uma forma de controle do capital sobre o ‘tempo disponível’”.

Destaca-se, assim, que o turismo é uma atividade econômica datada e influenciada pelo contexto histórico, econômico e social que a constitui. Tal consideração vai conduzir as discussões expostas neste estudo. Isso implica que, ao tomar como referência a Revolução Industrial como marco histórico da atividade turística organizada, concebe-se esta atividade influenciada pelos aspectos que caracterizam a organização do trabalho, notadamente no que se vincula ao uso do tempo neste contexto.

Tais aspectos impulsionam o crescimento da atividade econômica do turismo que vivemos atualmente, pois a liberação do tempo e o imperativo de consumo deste — transformando o tempo livre em mercadoria — tanto criam as condições para o crescimento dos serviços turísticos como ampliam a geração de emprego neste setor. Portanto, aumenta-se o número de trabalhadores que atuam nos diversos serviços ligados ao turismo, inclusive os serviços de hospedagem.

Ante o exposto, na busca pela compreensão de como se dá o controle do tempo de trabalho por meio da ação gerencial no cotidiano dos trabalhadores de serviços de hospitalidade, faz-se necessário discutir sobre as implicações do tempo de trabalho sobre o tempo livre.

4. Implicações do tempo de trabalho no tempo livre

Uma análise entre o tempo social dedicado ao trabalho e o tempo livre permite perceber que o tempo de ócio ou de lazer assume um dos aspectos centrais sobre essa relação. A flexibilização, exploração, intensificação e, conseqüente, precarização do trabalho trazem implicações sobre a relação entre o tempo de trabalho e o tempo livre, na medida em que o controle da organização do trabalho passa a ser sincronizado pelas horas necessárias para a produção e tal cronometrização do tempo de trabalho torna-se o aspecto pivô em torno do qual os demais tempos sociais foram estruturados, inclusive o tempo livre (HASSARD, 2009; CARDOSO, 2009).

A questão do tempo social de certa forma está ligada à separação entre o tempo de trabalho e o tempo livre, principalmente a partir do referido processo de industrialização iniciado

no século XVIII. A partir do tempo livre, inicia-se a discussão sobre o lazer como um tempo de reposição de energia para o trabalho, exercido à margem das obrigações sociais.

Para Marcellino (1983), o conceito de lazer está ligado à realização de atividades desinteressadas, sem fins lucrativos, relaxante, socializante e de caráter liberatório, no sentido de estar liberado de obrigações, definindo-o de forma mais autônoma. Essas atividades estão ligadas a práticas culturais, como cinema, espetáculos artísticos, leitura, música e atividades socioeducativas (PRONOVOST, 2011). Dumazedier (1999) complementa esta ideia apresentando que o lazer está ligado aos chamados três “D”s: descanso, diversão e desenvolvimento pessoal realizado num tempo liberado de obrigações. Já para Camargo (2003), o lazer deve ser gratuito, prazeroso, fruto de ações voluntárias e liberatórias e deve acontecer a partir de interesses culturais, físicos, manuais, intelectuais, artísticos e associativos.

Numa visão crítica, o lazer pode ser visto como fruto de um processo econômico social específico, elaborado socialmente, orientado pela relação entre capital e trabalho, tornando este em mais uma mercadoria a ser consumida na sociedade capitalista (AQUINO; MARTINS, 2002).

Ströher (2010, p. 5) acrescenta que a relação entre lazer e as modificações sociais ocorridas na Revolução Industrial fornece as condições para transformar o ócio em mais um negócio vivenciado no tempo livre organizado na lógica capitalista, uma vez que “além de controlar o corpo e a mente dos trabalhadores [...] controlou ‘as conquistas proletárias sobre o tempo de descanso, ou o chamado tempo livre’”. Para ele, esses aspectos promoveram a constituição da indústria cultural, da moda, do esporte, além da indústria do turismo, entretenimento e lazer.

Lafargue (2003, p. 43), em sua visão socialista sobre a importância da definição de um tempo a ser dedicado ao lazer, propõe “que o trabalho só se tornará um condimento de prazer, da preguiça, um exercício benéfico para o organismo humano, uma paixão útil ao organismo social, quando for devidamente regulamentado e limitado a um máximo de três horas por dia [...]”, fundamentando a discussão sobre a relação entre tempo de trabalho e tempo livre na sociedade capitalista.

Albanoz (2008), ao refletir sobre a obra de Lafargue (2003), complementa que é preciso reconsiderar, baseadas nas tradições do humanismo e religiosas, a diminuição do trabalho como promotor do ócio da contemplação, do espírito, do pensamento, da cultura e da saúde,

possibilitando o desenvolvimento pleno do sujeito. Para isso, faz-se necessária a educação para novas atitudes na sociedade.

Elizalde e Gomes (2014), por meio de pesquisa realizada com estudantes vinculados a programas de mestrado em lazer/tempo livre/recreação do Brasil, da Costa Rica, do Equador e do México, apresentaram resultados que indicam que os estudantes associam o tempo livre como tempo contrário ao trabalho, ou seja, um tempo em que se está liberado das obrigações de trabalho.

Já Severiano e Estramiana (2012) discutem sobre a dissolução de fronteiras entre o tempo livre e o tempo de trabalho baseado na lógica capitalista na modernidade avançada. Para eles, no sistema capitalista, há uma invasão do tempo livre pelo tempo de trabalho, uma vez que o tempo se torna subproduto da mercantilização.

Vários autores buscam entender a relação de tempo de trabalho e o tempo livre, ou seja, tempo dedicado ao ócio e ao lazer e buscaram discutir os elementos históricos que relegaram o ócio e o lazer a segundo plano no entendimento da sociedade moderna (FOGLIA, 2013; PRONOVOST, 2011; SANTOS, GAMA, 2008; GOMES, 2008).

Ao explorar os paradoxos vivenciados por trabalhadores de uma Operadora Turística Inglesa que atuam em Maiorca (Espanha) — e que paradoxalmente ofertam um trabalho denominado pelos autores como “emocional” —, Guerrier e Adib (2003) evidenciam que ao entregar o divertimento tais trabalhadores também vivenciam o “trabalho sujo” de controlar as queixas e os excessos dos visitantes, o que os faz viver numa linha tênue entre o trabalho e o lazer. Para os autores, isso gera nos trabalhadores uma necessidade de comprar um estilo de vida que eles veem como refletindo seus ‘eus’ autênticos e isso lhes permite aceitar a parte negativa de seu trabalho, tornando-os trabalhadores disciplinados.

A mitificação do trabalho na sociedade ocidental foi por muito tempo responsável pela desvalorização do lazer, pois o apresentava como negação do trabalho; a ‘Ideologia do Trabalho’ e a ‘Ética Cristã’ foram responsáveis por essa mitificação e reduziram o lazer a uma simples pausa entre dois momentos de trabalho (WEBER, 2004). Weber aduz que “a ideologia do trabalho, que vê no lazer a sua negação, apresenta o trabalho como única forma do homem realizar-se como tal e através dele conquistar a sua liberdade” (WEBER, 2009).

Outros autores como Lafargue (2003), Russell (2002) e De Masi (2000) questionam a centralidade do trabalho como elemento fundamental e fundante da sociabilidade humana,

colocando-o em segundo plano, buscando discutir de forma mais crítica a função social que o ócio e o lazer possuem para a constituição dos indivíduos e da sociedade.

Os autores supracitados trazem em comum a consideração do tempo de lazer como o tempo capaz de construir sociabilidade por meio de atividades desinteressadas que desenvolvam os indivíduos e possibilitem uma nova forma de utilização dos tempos sociais. Associam o lazer à liberdade plena do homem e a sua capacidade de escolha diante da prática de atividades sociais, lúdicas, recreacionais, de ócio e de lazer no seu tempo liberado do trabalho.

Barbosa e Silva (2011) discutem sobre a relação trabalho e lazer refletindo acerca das visões de Karl Marx, Max Weber e Stanley Parker e conclui que tanto o lazer como os espaços para suas práticas precisam ser democratizados.

Já Snir (2002), ao estudar a relação entre trabalho e lazer, considerou as seguintes variáveis: centralidade absoluta do trabalho, contatos interpessoais, orientação intrínseca, norma de obrigação e horas de trabalho semanais, destacando que a remuneração proveniente do trabalho para o lazer caracterizou a relação entre satisfação do trabalho e orientação ao lazer. O autor salientou ainda que é preciso estudar os efeitos do lazer e do trabalho nas atitudes e nos comportamentos dos trabalhadores.

Ressalta-se que, embora se considere a centralidade do trabalho na sociabilidade humana, o lazer se constitui de “uma referência cultural importante na representação de certas maneiras de agir consideradas como as mais desejáveis”, criando valores sociais que legitimam o lazer como prática e motivação capazes de ampliar o sentido da vida (PRONOVOST, 2011, p. 32).

Outro aspecto a ser destacado é que, na atualidade, o tempo livre se apresenta por meio da chamada *indústria do entretenimento e do lazer* como mercadoria a ser consumida. Para Padilha (2000, p. 77), “é fundamental observarmos ainda que, na nossa sociedade capitalista, o próprio lazer é impregnado da racionalidade econômica e se transforma em mais uma mercadoria a ser consumida”.

Ao observarem os estudos sobre lazer turístico enquanto campo de pesquisa no Brasil, Gomes e Rejowski (2005) indicam que na maioria deles não há um posicionamento teórico-conceitual entre turismo e lazer, fato que os fazem estimular a interdisciplinaridade como meio para promover a articulação do tema lazer com suas áreas afins.

Nesse sentido, as ocupações criadas para atender a atividade do turismo — considerando os setores que direta ou indiretamente estão a ela ligados, inclusive o setor de alojamento —

buscam responder a nova demanda da racionalidade capitalista, na qual as atividades possíveis de serem realizadas no tempo livre passam a ser mercadorias consumíveis.

Faria e Ramos (2014) procuram compreender como a fronteira do tempo de trabalho invadiu sutilmente o tempo livre do trabalhador (aquele compreendido para além do tempo de trabalho necessário e de mais-trabalho, tornando esses tempos fluidos, tensos, urgentes e flexíveis), lembrando que este limiar se constitui como uma categoria fruto de uma construção social.

Os autores também consideram que estes tempos se tornam aprisionados não só pelo controle das atividades de trabalho, mas como “dispositivos que mobilizam o sujeito a partir de objetivos e projetos, canalizando o conjunto de suas potencialidades para fins do capital” (FARIA; RAMOS, 2014, p. 50), ou seja, este aprisionamento apresenta-se a serviço da racionalidade econômica puramente instrumental, “destituída de toda subjetividade, de toda emoção, de todos os sentidos e significados” (FARIA; RAMOS, 2014, p. 64).

Prosseguindo com sua discussão, Faria e Ramos (2014, p. 64) relembram que, embora o tempo seja visto como uma ‘instituição aliada da produção’, torna-se também um ‘aliado do trabalhador, na medida em que define a dimensão de seu valor de uso e de troca e, portanto, também do tempo que tem para si’. Esse aspecto indica que o tempo pode ser visto como um mecanismo de resistência contra a lógica capitalista e da racionalidade econômica que lhe dá base, uma vez que o tempo é uma experiência subjetivamente vivida para os sujeitos.

5. Procedimentos Metodológicos

Os argumentos de base dos quais este artigo parte endossam que a relação tempo no trabalho e tempo livre é influenciada pelo contexto histórico-social que a constitui, sendo essa relação permeada pelo modo de produção capitalista e pela racionalidade econômica. Considera-se ainda que as práticas discursivas dos trabalhadores do setor de hospedagem evidenciam a relação entre o tempo no trabalho e tempo livre por meio da linguagem e de seus elementos — quais sejam a palavra, os discursos, os enunciados, os diálogos e as interações —, os quais constroem sentidos que oscilam em tempos e lugares determinados, conforme o contexto histórico-social que os constitui (BAKHTIN, 2006; OLIVEIRA, 2014).

Ante o exposto, parte-se do princípio que o uso da linguagem é uma forma de expressão e compreensão do mundo. Dessa maneira, esta categoria também aparece no pensamento marxista

contemporâneo, pois os marxistas “sempre reconheceram que nenhum conhecimento humano nos chega sem mediação, que todo conhecimento é absorvido através da língua e da prática social” (WOOD; FOSTER, 1999, p. 11).

Essa independência levou, na proposta bakhtiniana, a considerar que a língua e o mundo estão sempre em movimento, em constante transformação, uma vez que as ações humanas se desenrolam em quadros históricos diferenciados e estão sempre em processo. Diante disto, a língua falada no cotidiano da vida dos sujeitos deve ser considerada como a materialmente palpável para o estudo. Daí decorre que a língua é um constructo da linguagem viva e real e que a realidade é quem constrói o pensamento (BAKHTIN, 2006; RIBEIRO, 2006).

Assim, faz-se necessário situar a proposta bakhtiniana da linguagem e sua possibilidade de contribuição com o estudo ora proposto, no sentido de compreender como se dá a construção de sentido sobre a relação entre tempo no trabalho e tempo livre para os trabalhadores dos serviços de hospedagem.

Desta forma, objetivando descortinar um aspecto do mundo do trabalho no turismo — qual seja compreender como se dá o controle do tempo de trabalho por meio da ação gerencial e sua implicação sobre o tempo livre dos trabalhadores de serviços de hospedagem —, propõe-se a realização de pesquisa qualitativa pautada na proposta marxista da linguagem baseada em Bakhtin (2006), tendo como técnica de constituição do *corpus* de pesquisa a observação virtual não participante inspirada na netnografia. A análise deste *corpus* baseia-se nos pressupostos bakhtinianos para Análise do Discurso, no sentido de contribuir para a reflexão sobre o sujeito que atua profissionalmente nesta área no que se refere ao entendimento de como o controle gerencial está relacionado ao cotidiano de trabalho e no uso do tempo livre destes trabalhadores.

Desta forma, concebendo que a construção de sentidos parte das relações sociais estabelecidas, das vivências e do contexto histórico e social que envolve tal construção, propõe-se a realização do estudo da *funpage* do *Facebook* “Escravos da Hotelaria – Aqui o escravo tem voz”. Ela é administrada por três mediadores que se autodenominam Devacilleney (reservete – indicando ser do setor de reservas/recepção), Lucibal (mensageiro) e Adalgamir (*maitre*) (ESCRAVOS, 2016). Os *posts* foram levantados anacronicamente e de forma vicária no período de janeiro de 2014 a agosto de 2016. A definição dos *posts* pesquisados se deu por sua ligação com o tema deste estudo, buscando compreender a relação entre os trabalhadores dos serviços de hospedagem e sua gerência. Considerando a proposta deste estudo, o dialogismo mediado por

computador, especificamente pela rede social *Facebook*, considerado enquanto “relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados”, como informa Fiorin (2000, p.19), deu base à constituição do *corpus de inspiração* netnográfica desta pesquisa, pautada na observação virtual não participante.

Para constituição do *corpus* foram considerados um total de 3 (três) *posts* que expressassem os sentidos sobre a citada relação. Estes *posts* foram sistematizados por meio da criação de um quadro que apresentou os seguintes itens: linguagem, tempo de interação, curtidas, compartilhamentos, número de comentários, temas, enunciados destacados. Para manter a impessoalidade dos sujeitos, e não utilizar os nomes dos membros que interagiram nas postagens, foi criada a sigla para caracterizar o tema: *relações sociais no trabalho (RT)* e dada uma sequência numérica. Ressalta-se que foram respeitadas a forma de escrita dos trabalhadores em cada enunciação. A partir do percurso metodológico apresentado, a seguir expõem-se os principais achados e resultados deste estudo.

6. Resultados

Percebe-se nos *posts* publicados na *fanpage* “Escravos da Hotelaria – Aqui o escravo tem voz” (ESCRAVOS, 2016) que há presença recorrente de interações associadas à relação do tempo de trabalho dos trabalhadores do setor de hospedagem com a gerência e com as ações gerenciais, as quais demonstram a preocupação com a vigilância do trabalho, a falta de preparação para a função gerencial e o tratamento diferenciado de trabalhadores no cotidiano destes meios de hospedagem.

Sabe-se que a ação gerencial tem influência nas decisões que envolvem o dia a dia de trabalho. A condução das atividades do *front office*, as decisões sobre escala, férias, capacitação, o cumprimento das regras da organização e demais ações do trabalho no setor de recepção são de responsabilidade da gerência, representada pela chefia imediata desses trabalhadores.

Segundo Ismail (2004), o gerente de *front office* é responsável pela maioria das operações diárias da recepção e da portaria social, ambas com contato significativo com os hóspedes. Esse profissional ainda atua colaborando com setores como governança, reserva e telefonia. Isso indica que este profissional necessita considerar os aspectos subjetivos que envolvem o cotidiano de trabalho no trato com os indivíduos, no sentido de oportunizar uma gestão com pessoas — conforme discute Davel e Vergara (2009) —, e o entendimento das dimensões esquecidas na

relação indivíduo e organização: condição humana, alteridade, sofrimento, tempo de trabalho, linguagem e comunicação, identidade, pulsões e conflitos (CHANLAT, 2007, 1996, 1993).

Ressalta-se a importância da relação gerência-trabalhador no cotidiano de trabalho, uma vez que o trabalho da gerência influencia na qualidade da prestação dos serviços do trabalhador e, como lembra Liedke (2002), esta relação pode gerar cooperação e/ou conflito conforme a atuação gerencial junto aos seus subordinados.

A Figura 1 expõe os enunciados dos *posts* e as interações ligadas à relação entre gerência e trabalhador. Percebe-se neles que a ação gerencial está aparentemente permeada por relações interpessoais diferenciadas que influenciam nas decisões sobre o tempo de trabalho, uma vez que “os preferidos, esses sim, folgam todos os feriados, não batem cartão e ainda tiram onda dizendo que não estão a fim de trabalhar tal dia”, por serem “SUPER íntimos de alguém da diretoria ou de outro gerente”, mas “enche[m] o hotel de câmeras pra vigiar!” o tempo de trabalho.

A partir da provocação dos mediadores feita por meio dos *posts* abaixo apresentados (Figura 1), iniciam-se por parte dos trabalhadores membros da comunidade as interações que indicam os sentidos construídos pelos trabalhadores em seu cotidiano. Ressalta-se que conjuntamente, os posts estudados geraram 1.373 curtidas, 148 compartilhamentos e 123 comentários, o que dá indício do interesse destes sujeitos pelo tema. Destes, foram considerados para análise as enunciações expostas no Quadro 1.

 <p><u>Escravos da Hotelaria</u> 30 de julho ·</p> <p>Cada vez mais, eu tenho certeza que hotel só muda de endereço MESMO! Envia do por uma <u>escravonando</u> anônimo, mas que muitos vão se identificar:</p> <p>"Aqui a gente tem 2 grupos de Funcionários. A gerente e seus dois "preferidos", e o resto. Nós somos o resto, os que trabalham todos os feriados, os que não podem chegar atrasados nem sair mais cedo, os que tem sempre alguém vigiando pra ver se o refrigerante foi marcado na conta, se o celular saiu do bolso por 1 minuto sequer. Os preferidos, esses sim, folgam todos os feriados, não batem cartão e ainda tiram onda dizendo que não estão a fim de trabalhar tal dia, tomam cerveja dentro do hotel e até dormem, isso mesmo, dormem no hotel em horário de serviço. E quem disse que o dono do Hotel enxerga essas coisas? Fica difícil quando seu superior faz parte da badema... <u>#Vida de Hoteleiro</u>"</p>	 <p><u>Escravos da Hotelaria</u> 7 de junho ·</p> <p>Coisas que nunca entenderei:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Governanta que não sabe arrumar cama; - Chefe de Recepção que não sabe fazer estomo e/ou ler auditoria; - Chefe de Manutenção que não sabe nada de hidráulica; - <u>Maître</u> Executivo que não sabe o mapa de mesas; - Chefe de Cozinha que não sabe confeccionar prato do cardápio, - Chefe de Eventos que não sabe montar a disposição da sala; - Chefe de Segurança que não sabe ser discreto; - Gerente de Vendas que não sabe negociar tarifas; - Gerente de RH que não sabe como funciona uma escala; - <u>Controller</u> que não sabe fazer e nem ler balanços e balancetes; - Gerente Geral que não sabe como um hotel funciona e nem contratar outras gerências. <p>Curioso que todos esses normalmente são SUPER</p>
 <p><u>Escravos da Hotelaria</u> 5 de outubro de 2014 ·</p> <p>Sugestão de um escravoulo anônimo:</p> <p>"Deus está vendo gerência que nunca tem dinheiro para benefícios, palestras e estímulos para os funcionários, mas enche o hotel de câmeras pra vigiar!"</p> <p>Vigiar os funcionários só... ㄟㄟ</p>	

Figura 1: Relação com a gerência - Hotelaria

Fonte: Escravos (2016)

Ressalta-se que o discurso gerencialista informa que se espera que o gerente crie um ambiente agradável para todos os trabalhadores e que seja capaz de desenvolver ao máximo seu potencial, liderando-os e motivando-os para maximizar a produtividade individual e coletiva (DAVIES, 2001). Sendo assim, é preciso refletir sobre os aspectos de controle, poder, valores,

relações nos grupos informais, além dos aspectos da linguagem e comunicação na prática gerencial e sua influência na subjetividade dos trabalhadores (CHANLAT, 2007, 1996).

Os trechos destacados abaixo retratam comentários proferidos pelos usuários da comunidade analisada com relação aos *posts* da Figura 01 e reforçam os aspectos nela indicados, na medida em que nas interações apresentadas no quadro 1, por meio de um extrato das enunciações, há uma identificação no seu ambiente de trabalho com o tratamento diferenciado, vivenciado no seu cotidiano de trabalho, conforme segue:

RT1: As famosas “vacas sagradas” das empresas, podem fazer o que bem entenderem que nada acontece....hehehehehe

RT2: Não precisa ter uma logica, nesse mundo Hoteleiro, a base é a intimidade, pois sempre tem alguém fazendo o trabalho pesado enquanto outro sem nenhuma qualificação e experiência leva todo o credito. O bonito é quando essa pessoa decide sair dos bastidores e resolve ter o papel de destaque... guerra declarada. CL e AM. Rrsrsr Tudo ao nosso tempo.

RT3: Gente é o Dom do QI = Quem indica

Quadro 1 – Interações Relação com a gerência
Fonte: Escravos (2016).

Assim, os relatos indicam que se faz necessário compreender os mecanismos de constituição da organização informal — caracterizados por relações afetivas, de poder e de envolvimento com o grupo —, pois estes acabam reverberando sobre a produtividade, a motivação e o funcionamento da estrutura formal da organização (MOTTA; VASCONCELOS, 2006).

Sabe-se ainda que é natural a formação de grupos que espontaneamente surgem no interior de qualquer estrutura oficial, pois o sentimento de pertença a um grupo gera comportamento de solidariedade, colaboração, predisposição ao auxílio mútuo, reciprocidade e fidelidade à palavra (CHANLAT; BÉDARD, 2007).

No entanto é necessária atenção ao comportamento negativo que pode surgir no interior do grupo, principalmente se há uma relação hierárquica envolvida. É preciso atentar no trabalho

para a constituição de relações baseadas por meio de exigências, deslealdade, ciúmes e protecionismo que podem configurar-se em aspectos potencialmente ruins e negativos para o desenvolvimento de relações saudáveis entre os pares e entre a chefia e os demais trabalhadores.

Nesse sentido, cabe considerar as emoções geradas nos indivíduos pela aparente substituição de relações profissionais por práticas protecionistas no cotidiano de trabalho (FINEMAN, 2009), uma vez que “*a base [da relação gerente –trabalhador] é a intimidade*” e essa característica pode influenciar também a relação com os pares.

7. Considerações Finais

No percurso histórico, a relação sujeito-tempo passou por modificações. Tal relação implica as experiências, o valor, os sentidos e o uso dos tempos sociais. Nessa direção, este estudo buscou refletir acerca da construção de sentidos sobre a relação entre tempo de trabalho e tempo livre para os trabalhadores dos serviços de hospitalidade. Ressalta que o turismo é uma atividade econômica datada e influenciada pelo contexto histórico, econômico e social que a constitui e surge como fruto da luta pela liberação do tempo de trabalho e consequente conquista de tempo livre.

Dessa forma, promover estudos que ajudem no entendimento dos aspectos ligados ao mundo do trabalho no turismo nos vários segmentos que compõem essa atividade faz-se necessário como forma de aproximação da realidade construída historicamente sobre essa ocupação econômica no país. Este estudo representa uma contribuição para o mundo do trabalho no turismo e sua reverberação nos sujeitos que trabalham nessa atividade, especificamente no setor de hospedagem.

Neste intuito, os resultados indicaram que as relações sociais estabelecidas no trabalho constroem sentidos diversos. Com a gerência, este vínculo está permeado pela constante preocupação com a vigilância do trabalho, a percepção de falta de preparação para a função gerencial e o tratamento diferenciado de trabalhadores no cotidiano destes meios de hospedagem. Enfatiza-se ainda que as relações interpessoais diferenciadas influenciam nas decisões sobre o tempo de trabalho. Esta aparente substituição das relações profissionais por práticas protecionistas no cotidiano de trabalho influenciam a relação com os pares, uma vez que “*a base [da relação gerente–trabalhador] é a intimidade*”, acarretando uma diferenciação de tratamento que pode potencializar conflitos entre estes sujeitos.

Referências

- ALBANOZ, Suzana. **O que é trabalho?** São Paulo: Brasiliense, 2004.
- ALVAREZ, Marcos César. Racionalização, trabalho e ócio: reflexões a partir de Max Weber. In: BRUHNS, Heloísa Turini (Org.). **Lazer e ciências sociais: diálogos pertinentes.** São Paulo: Chronos, 2002. (Coleção Lazer, esporte & sociedade)
- AQUINO, Cássio Adriano Braz; MARTINS, José Clerton de Oliveira. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade que centraliza o tempo de trabalho. In: CABEZA, Manuel Cuenca; ARAÚJO, Ângela. **Do corporativismo ao neoliberalismo: Estado e trabalhadores no Brasil e na Inglaterra.** São Paulo: Boitempo, 2002.
- BACAL, Sarah. **Lazer e o universo dos possíveis.** Pinheiros, SP: Aleph, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Hucitec, 2006.
- BARRETO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo.** Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- BENDASSOLLI, Pedro Fernando. **Trabalho e identidade em tempos sombrios: insegurança ontológica na experiência atual com o trabalho.** Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2007.
- BOON, Bronwyn. When leisure and work are allies: the case of skiers and tourist resort hotels. **Career Development International**, v. 11, Iss: 7, p.594-608, 2006. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/doi/pdfplus/10.1108/13620430610713463>>. Acesso em: 20 ago. 2014.
- CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O que é lazer.** São Paulo: Brasiliense, 2003.
- CARDOSO, Ana Cláudia Moreira. **Tempos de trabalho, tempos de não trabalho: disputas em torno da jornada do trabalhador.** São Paulo: Annablume, 2009.
- CHANLAT, Alain; BÉDARD, Renée. **Palavras: a ferramenta do executivo.** In: CHANLAT, Jean-François (Coord.). **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas.** v. 1. São Paulo: Atlas, 2007.
- CHANLAT, Jean-François (Coord.). **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas.** v. 1. São Paulo: Atlas, 2007.
- _____. **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas.** v. 2. São Paulo: Atlas, 1993..
- _____. **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas.** v. 3. São Paulo: Atlas, 1996.
- DAL ROSSO, Sadi. **Maistrabalho!: a intensificação do labor na sociedade contemporânea.** São Paulo: Boitempo, 2008.
- DAVEL, Eduardo. VERGARA, Sylvia Constant. **Gestão com pessoas e subjetividade.** São Paulo: Atlas, 2009.
- DAVIES, Carlos Alberto. **Cargos em hotelaria.** 3. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.
- DE MASI, Domenico. **O ócio criativo.** Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- DUMAZEDIER, Jost. **Sociologia empírica do lazer.** São Paulo: Perspectiva, 1999.
- ELIAS, Nobert. **Sobre o tempo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- ELIZALDE, Rodrigo. GOMES, Christianne Luce. Tempo livre: entendimentos enunciados por participantes de mestrados latino-americanos em lazer e recreação. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n.2, p.569-591, abr/jun de 2014. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/42866>>. Acesso em: 13 mar. 2016.
- ESCRAVOS da hotelaria. Fanpage. Facebook. Ago/2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/escravosdahotelaria>>. Acesso em: 19 ago. 2016.
- FARIA, José Henrique; RAMOS, Cinthia Letícia. Tempo dedicado ao trabalho e tempo livre: os processos sócio-históricos de construção de tempo de trabalho. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 47-74, jul./ago. 2014. Disponível em:

<<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/RAM/article/view/5310>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

FINEMAN, Stephen. A emoção e o processo de organizar. In: CLEGG, Stewart R. HARDY, Cynthia. NORD, Walter R. **Handbook de Estudos Organizacionais: reflexões e novas direções**. v. 2. São Paulo: Atlas, 2009.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

FOGLIA, Sandra Regina Pavani. **Lazer e trabalho: um enfoque sob a ótica dos direitos fundamentais**. São Paulo: LTr, 2013.

GOMES, Crhstianne Luce. **Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

_____. O 'ócio' como objeto de estudos: notas introdutória sobre conceitos e ocorrência histórica em nossa sociedade. **Cuadernos de ócio y sociedade**, v.1, p. 23- 40, 2007. Disponível em:<<https://grupootium.files.wordpress.com/2011/06/o-ocio-como-objeto-de-estudos.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2016.

GOMES, Cristina Marques. **Dumazedier e os estudos do lazer no Brasil: breve trajetória histórica**. 2004. Disponível em:<http://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/dcefs/Prof._Adalberto_Santos/1-dumazedier_e_os_estudos_do_lazer_no_brasil_breve_trajetoria_historica_12.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2016.

GOMES, Cristina Marques; REJOWSKI, Miriam. Posicionamento teórico e conceitual do lazer turístico no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação28.,Rio de Janeiro, 2005. **Anais...** Rio de Janeiro: Intercom: UERJ, 2005. Disponível em:<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/r1571-1.pdf>>. Acesso em: 08 maio 2014.

GUERRIER, Yvonne; ADIB, Amel. Work at leisure and leisure at work: a study of emotional labour of tour reps. **Human Relations**, Londres, v. 56, n. 11, p. 1399-1417, nov. 2003. 56, 11. Disponível em:<<http://hum.sagepub.com/content/56/11/1399.full.pdf+html>>. Acesso em: 14 jul. 2014.

HABERMAS, Jurgen. **Teoria do agir comunicativo**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2012. v. 1.

_____. **Teoria do agir comunicativo**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2012a. v. 2.

HASSARD, John. Imagens do tempo no trabalho e na organização.In: CLEGG, Stewart; HARDY, Cynthia; NORD, Walter R. **Handbook de Estudos Organizacionais**. São Paulo: Atlas, 2009. v. 2.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. São Paulo: Centauro, 2002.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do Turismo**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

ISMAIL, Ahmed. **Hospedagem: front office e governança**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

LAFARGUE, Paul. **Direito à preguiça**. São Paulo: Editora Claridade, 2003.

LASHLEY, Conrad. MORRISON, Alison. **Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado**. Barueri, SP: Manole, 2004.

LIEDKE, Elida Rubini. Relações de trabalho. In: CATTANI, Antônio David. **Dicionário crítico sobre trabalho e tecnologia**. Petrópolis, RJ: Vozes; Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e humanização**. Campinas, SP: Papirus, 1983.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MASINA, Renato. **Introdução ao estudo do turismo: conceitos básicos**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

MÉSZÁROS, István. **O desafio e o fardo do tempo histórico**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MOTTA, Fernando C. Prestes. VASCONCELOS, Isabella F. Gouveia de. **Teoria Geral da Administração**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.

OLIVEIRA, Antônio José Barbosa de. Uma perspectiva teórico-metodológica para os estudos históricos e discursivos: Mikhail Bakhtin, em “Marxismo e Filosofia da Linguagem”. In: MARX 2014 - SEMINÁRIO NACIONAL DE TEORIA MARXISTA, 2014, Uberlândia. Disponível em: <<http://www.seminariomarx.com.br/eixo03/Uma%20perspectiva%20teorico-metodologica%20para%20os%20estudos%20historicos%20e%20discursivos.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2016.

OLIVEIRA, Maurício Roque Serva de. **Racionalidade e organizações: o fenômeno das organizações substantivas**. 1996. 316 f. Tese (Doutorado em Administração) - Fundação Getúlio Vargas – FGV, São Paulo, 1996.

OURIQUES, Helton Ricardo. **A produção do turismo: fetichismo e dependência**. Campinas, SP: Alínea, 2005.

PADILHA, Valquíria. **Tempo livre e racionalidade econômica: um par imperfeito**. São Paulo: Alínea, 2000.

POSTONE, Moishe. **Tempo, trabalho e dominação social: uma reinterpretação da teoria crítica de Marx**. São Paulo: Boitempo, 2014.

PRONOVOST, Gilles. **Introdução à sociologia do lazer**. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2011.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **A nova ciência das organizações: uma reconceitualização da riqueza das noções**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1989.

REJOWSKI, Mirian (Org.). **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2002.

RIBEIRO, Danielle Cristine. **O Estado no sistema metabólico do capital: uma relação de complementaridade na base material**. 2013. 133 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Marília, SP, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/88725?locale-attribute=en>>. Acesso em: 17 dez. 2017.

RIBEIRO, Luis Felipe. O conceito de linguagem em Bakhtin. **Revista Brasil**. 2006. Disponível em: <<http://revistabrasil.org/revista/artigos/crise.htm>>. Acesso em: 14 maio 2016.

RUSSELL, Bertrand. **O elogio ao ócio**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

SANTOS, Noberto Pinto dos; GAMA, Antônio. **Lazer: da liberação do tempo à conquistas das práticas**. Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.

SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira; ESTRAMIANA, José Luis Álvaro. “Tempo livre” e “Tempo de trabalho”: a dissolução das fronteiras temporais. **Quaderns de Psicologia**, Bellaterra, v. 14, n. 2, p. 67-76, 2012. Disponível em: <<http://www.quadernsdepsicologia.cat/article/view/1138>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

SILVEIRA, Victor Natanael Schwetter. Racionalidade e organização: as múltiplas faces do enigma. **Revista Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 12, n. 4, p. 1107-1130, out./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rac/v12n4/10.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2014.

STRÖHER, Carlos. Entre o ócio e o neg(ócio): lazer e Revolução Industrial. **Webartigos**. 4 fev. 2010. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/entre-o-ocio-e-o-neg-ocio-lazer-e-revolucao-industrial/32120/>>. Acesso em: 30 nov. 2012.

TEIXEIRA, Carlos Alberto. A origem do Facebook. Caderno Tecnologia. **O Globo**. 18 jun. 2012. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/a-origem-do-facebook-4934191>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

THOMPSON, Edward. Palmer. Tempo, disciplina do trabalho e capitalismo industrial. In: _____. **Costumes em comum**: Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2009. v. 1.

WOOD, Ellen Meiksins; FOSTER, John Bellamy. **Em defesa da história**: Marxismo e pós-modernismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.